

Experiências de extensão: a Literatura Clássica como forma de unir a sociedade à Universidade

Jenifer Lorrane S. Teodoro

Renata S. Nery

Jean Carlos B. Moura

Dr.^a Tatiana Franca R. Zarinato

Dr.^a Fernanda Cunha Sousa

RESUMO: O presente artigo pretende esboçar as atividades realizadas no projeto de extensão “Contos de Mitologia”, para relatar de uma maneira subjetiva as experiências e conhecimento adquiridos até o presente momento, desenvolvido em uma creche municipal de JATAÍ/GO que consiste em contar histórias da mitologia greco-romana para crianças de cinco a seis anos. O grupo de contadores é constituído de discentes da Universidade Federal de Goiás. - Regional Jataí, contando com duas graduandas do curso de psicologia e um graduando do curso de direito, sob a orientação das professoras Tatiana Zanirato (UFG) e Fernanda Cunha (UFJF), ambas do curso de letras.

Palavras chave: mitologia- clássica; extensão;cultura.

ABSTRACT: This article aims to outline the activities of the extension project "Mythology Tales", being developed in a municipal daycare facility in JATAÍ / GO telling stories about Greek and Roman mythology for children between five to six years. The group of stories tellers is made up of students of the University Federal of Goiás - Regional Jataí, two graduations students of psychology and one graduating from law school, under the guidance of the teachers Tatiana Zanirato (UFG) and Fernanda Cunha (UFJF) both teachers of letters course.

Keywords: classical mythology; culture; extension

Introdução

Pretende-se apresentar nesse trabalho as atividades realizadas no projeto de extensão *Contos de Mitologia*, que é desenvolvido desde agosto de 2013, na cidade de Jataí/GO, por um grupo de contadores constituído por três discentes da Universidade Federal de Goiás/ Regional Jataí: Jenifer Lorrane S. Teodoro e Renata S. Nery, que

cursam Psicologia, e Jean Carlos B. Moura, aluno do curso de Direito, sob a orientação das professoras Tatiana Franca R. Zanirato (UFG) e Fernanda Cunha Sousa (inicialmente da UFG, atualmente na UFJF), ambas do curso de Letras. Recentemente, contamos com a colaboração do professor Tales Santeiro, docente do curso de Psicologia e da professora Daviane Moreira e Silva, recém-chegada ao curso de Letras/UFG.

A Extensão é uma modalidade de projeto acadêmico que visa ser uma ponte entre a Universidade e a sociedade de que faz parte, e tem como objetivo na medida em que propõe ações efetivas que envolvem a Academia e seu entorno. Contos de Mitologia é um projeto de pesquisa e extensão, o que significa que os orientandos envolvidos partem de um processo de estudo do objeto que, *a posteriori*, servirá para a ação social. Dessa forma, atuamos na creche municipal Cidália Vilela (CMEI), como contadores de histórias, levando a um público infantil, com idade entre cinco e seis anos, histórias da mitologia greco-romana. Este projeto oferece uma experiência de convivência dos contadores com a sociedade fora do âmbito acadêmico, possibilitando a troca permanente de conhecimento teórico com a *práxis*.

O projeto conta com duas etapas de execução. Primeiramente, fez-se necessário o estudo assistido de textos elementares à pesquisa de mitologia clássica, como, por exemplo: *Teogonia*, de Hesíodo, além dos textos teóricos, como *Estudos de História da Cultura Clássica*, de Maria Helena da Rocha Pereira, *Grécia e Roma*, de Pedro Paulo Funari. Posteriormente, inicia-se a pesquisa de *As Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio, corpus-base de todo o trabalho. Essas histórias sofrem uma adaptação, levando em conta o público ouvinte, supervisionadas pelas coordenadoras do projeto, em reuniões regulares. Deseja-se tornar possível às crianças à compreensão de alguns mitos e, para tanto, selecionamos, conjuntamente aos orientadores, episódios dentro dos Livros e, a partir daí, transformamos as histórias estudadas em contos orais que são levados à creche semanalmente. O texto ovidiano é atualizado, simplificado, e reapresentado no formato de uma história que atrai a atenção dos pequenos ouvintes. O mito, no entanto, permanece original – salvo por alguns momentos de violência explícita, como a morte do Hércules, que são omitidos. Ao final do mito, solicita-se que as crianças desenhem a história que acabaram de ouvir – feito de forma livre. A realização dos desenhos possui a finalidade de demonstrar como a história foi

interpretada por eles, e o grau de interesse, que buscamos cativar.

É nesse ambiente descontraído e prazeroso que as crianças têm seu primeiro contato com textos oriundos da literatura. Acreditamos que esse encontro despretenso despertará a curiosidade pelo saber e a busca de conhecimento, tão necessários para que se efetive o verdadeiro aprendizado. Esse também é o primeiro contato da maioria dos contadores do projeto com o ambiente escolar; ajudando a reconhecer o seu futuro ambiente de trabalho, longe dos estereótipos negativos. Assim, com a junção de teoria e prática, saber e prazer, defendemos a efetiva formação dos futuros profissionais envolvidos na atividade de contação, bem como dos futuros leitores desses e de outros textos.

1.0. Por que contar histórias greco-romanas

Como diz Ítalo Calvino em *Por que ler os Clássicos*, os clássicos são para se ler e reler. Lê-los na juventude e lê-los na maturidade: duas experiências peculiares que resultam em uma forma diferente de ver a mesma obra - o primeiro contato é único, representa o afloramento dos sentimentos do leitor sobre a obra enquanto a releitura pressupõe um aprofundamento sobre este universo (CALVINO, 2007, pp.10-11).

O conhecimento dos clássicos não é medido exclusivamente pelo número de obras lidas, destaca Calvino. Há outros fatores essenciais como o aprofundamento das leituras, façanha alcançada por aqueles que releem.

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 2007, pp.11), com esta frase Ítalo Calvino enumera uma das características inerentes ao Clássico. Toda vez que se relê uma obra clássica aparecem novos questionamentos ou novas perspectivas que antes não eram perceptíveis ao leitor.

Busca-se sempre utilizar a tradução do original, pois textos que dialogam ou intermedeiam com a fonte primária são releituras que nem sempre comungam para o aprendizado do leitor.

Outra característica que pode ser atribuída aos clássicos se refere à relação dialética entre o leitor e a obra, como se as opiniões convergissem e divergissem até culminarem na síntese do leitor e, como consequência, no entendimento sobre a obra.

Durante a leitura de um clássico fazemos correlação com a sua época de criação;

compreendemos em que espaço e em que tempo se deu a obra, permitindo maior absorção e entendimento da leitura. Se a obra cita um costume passado, este deve ser analisado segundo a importância e peculiaridade daquele tempo para que haja uma melhor compreensão. A carga histórica dos clássicos também se impõe diante da quantidade de releituras que surgem, exigindo leitura que beba da fonte original, para que tais sentidos, costumes e significados não se percam (CALVINO, 2007, pp. 11).

Ítalo Calvino também trabalha a ideia de atualidade em contraposição a carga literária presente nos clássicos. As leituras da contemporaneidade seguem um ritmo mais acelerado quando comparado à narrativa dos clássicos, na tentativa de acompanhar a própria rotina dos leitores. Desta forma ele metaforiza ao descrever o clássico como aquele que “tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas não pode prescindir desse barulho de fundo” (CALVINO, 2007, pp. 15).

Como visto, os clássicos possuem características que lhe são próprias e que justificam a sua utilização dentro do projeto. Mas por que histórias greco-romanas?

A mitologia greco-romana se espalhou pelo ocidente, influenciou a arquitetura, a religião, a política, de toda a civilização ocidental, sobreviveu às gerações, foi motivo de estudos psicológicos e está viva nas fantasias da contemporaneidade. Tendo em vista o público alvo do projeto, a narrativa de heróis e princesas alimenta a vontade e interesse dos leitores pela história. Além da mídia que cerca as histórias greco-romanas, que se renovam até hoje nos livros de fantasia e no mundo cinematográfico.

Diante dos pressupostos acima elencados, e da formação teórica dos contadores, surgiram algumas indagações. Qual obra deveria ser utilizada como fonte primária de adaptação dentro do projeto, e o porquê desta escolha.

Em “Metamorfoses”, de Ovídio, nota-se a aproximação dos Deuses com os homens. As histórias dos mortais e imortais se cruzam em diferentes ciclos, onde “as formas e as histórias terrestres repetem formas e histórias celestes, mas umas e outras se entrelaçam reciprocamente numa dupla espiral” (CALVINO, 2007, pp. 31).

Ovídio utilizou uma linguagem peculiar introduzindo verbos com predominância no presente, além de recursos linguísticos que aproximavam o tempo ao leitor. As histórias se aceleram em determinados contos, forçando um ritmo frenético de recepção no leitor, e já em outros momentos, desacelera, proporcionando uma visão descritiva.

Da leitura de *Metamorfoses* também se conclui a diversidade de planos e dimensões dos contos. Não se trata de um único plano contínuo e conciso, embora os contos apresentem certa linearidade e não possuam intervalos entre eles¹. Trata-se de uma universalidade de dimensões que se cruzam e cominam na densidade literária da obra (CALVINO, 2007, pp.35). Se em um conto o céu é uma abóboda, em outro já não o é, em outro ainda é sustentado por Atlas; há diversas maneiras de se compreender o céu, quem dirá a diversidade de sujeitos e objetos que compõe tal magnificência. Por outro lado, não significa dizer que as histórias são paralelas e desconexas quando, muito pelo contrário, se comunicam e se completam em sua diversidade.

2.0. Processo teórico

Durante o período de dois meses, o grupo de contadores passou por uma longa jornada, estudando (traduções originais), tendo como base a poesia *Teogonia*, de Hesíodo, que através de seus poemas, descreve a criação do mundo e relaciona, cronologicamente, cada uma das gerações divinas. Semanalmente foram organizadas reuniões entre os discentes e as orientadoras para o esclarecimento de dúvidas e para discussões dos textos.

Esse período foi de extrema importância para que desenvolvêssemos uma base de conhecimento sólida. Sem o estudo prévio da genealogia dos deuses as adaptações e a ida a campo, se tornariam ineficientes.

Além do conteúdo teórico, os contadores receberam instruções de como se portarem perante as crianças: a importância de não interromper a fala, ou pedir que se calem, ainda que nós sejamos interrompidos no meio da história, e tampouco forçá-las a desenhar – tudo isso faz parte do caráter informal do projeto, que deseja atrair o público pela não obrigatoriedade em participar, mas pelo prazer em compartilhar conosco os momentos em que ouvimos e falamos sobre Literatura.

3.0. O processo de adaptações das histórias

¹ Esta técnica narrativa, utilizada por Ovídeo, bebe do romance alexandrino e caracteriza-se pela expansão interior da obra por meio do encadeamento dos contos (CALVINO, 2007, pp. 36).

As adaptações são a parte mais importante do projeto, pois é através delas que as crianças têm acesso ao mundo da literatura greco-romana. O processo de adaptações ocorre em conjunto com as orientadoras, e as histórias são escolhidas a cada encontro de orientação, com o consenso do grupo.

Entre novembro de 2013 a novembro de 2014 foram adaptadas e contadas as seguintes histórias: *Perseu e Atlas Livro IV 604-662 pág 122*; *Perseu e Andrômeda Livro IV 663-764 pág 122*; *Faetonte Livro II 1-339 pág 58*; *Hércules Livro IX 4-88 pág 222*; *Eros e Psique*; *Midas 85-193 pág 269*; *Dédalo e Ícaro/Talo 183-235 pág 201*; *O Minotauro 152-182 pág 200*; *Ulisses e Polifemo e Ulisses e Circe Livro XIII 225-290 pág 345 a 346*.

Durante as adaptações há uma preocupação em analisar alguns fatos que possam vir a causar algum conflito ou constrangimento na criança, como conteúdos de contexto erótico e violento. Neste sentido, para nos ajudar a respeitar a subjetividade ainda em formação do nosso público, contamos com o apoio do professor de Psicologia Tales Santeiro, que lê os textos e acrescenta suas ponderações à equipe.

Para falarmos sobre algumas adaptações e sobre as recepções, transcreveremos alguns trechos da versão da obra de *Ovídio*, seguido de alguns trechos das nossas adaptações, tornando mais claro o nosso método, e demonstrar que, mesmo sendo um trabalho a princípio simples, é um trabalho que requer dedicação e muito estudo acerca da mitologia. A primeira história adaptada e contada foi *Perseu e Atlas*; *Perseu e Andrômeda*. Vale transcrever a tradução do original de *Ovídio* cotejar com a que criamos para contar na creche:

Ali vivia o filho de Jápeto, Atlas, superior a qualquer homem pela sua colossal corpulência. Era ele o rei desta extremidade da terra e também do mar, que dispõe as suas águas debaixo dos corcéis resfolegantes do Sol e acolhe o carro esgotado Mil rebanhos, e manadas outras tantas, tinha ele vagueando pelos prados, e vizinho algum confinava com a sua terra (...)"(OVIDIO, 2012, P.123, vv 131-136)

Adaptação:

Ali em Hespéria vivia Atlas, um filho do titã Jápeto. Sendo Atlas superior a qualquer homem tanto em força, como em

altura. Era ele o rei daquela extremidade de terra e também do mar, lugar onde o sol se põe. Protegido por mil rebanhos e outras tantas manadas, vizinho algum ousava entrar em suas terras. As folhagens das árvores irradiavam ouro, e rebrilhavam de ouro os ramos, e de ouro as maçãs recobriam.(Versão Adaptada em novembro de 2013).

Nesse conto, uma das crianças desenhou o *Oráculo de Delfos*, o que nos surpreendeu, pois não imaginávamos que este detalhe poderia despertar a atenção. Outra surpresa foi o grande interesse deles pela personagem *Medusa*. O desenho a seguir, realizado por uma das crianças, demonstra as características citadas acima.

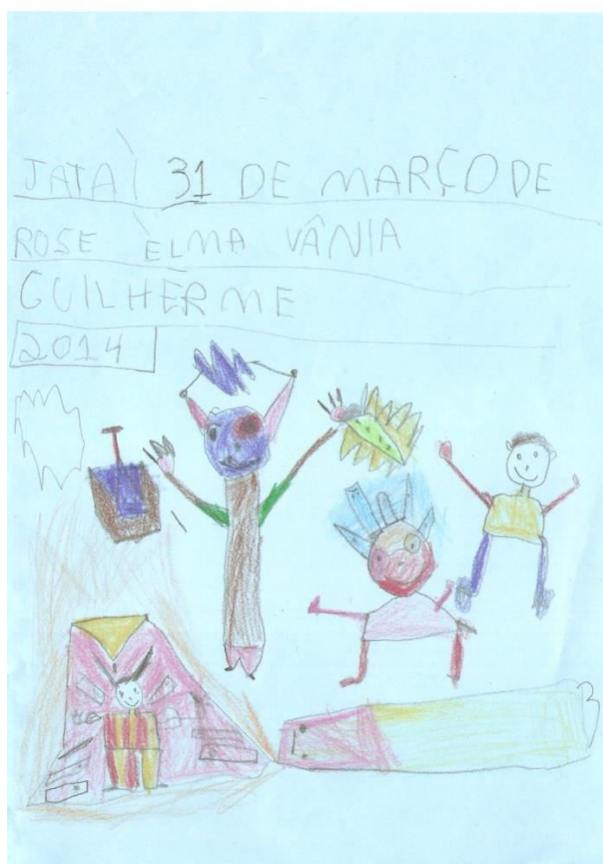


Figura I- Desenho do conto *Perseu e Atlas*- onde a criança desenha o 'Oráculo e a Medusa'.

No mito de *Hércules* surgiram impasses sobre contar aspectos que poriam em dúvida o caráter do herói, como o fato de ter matado a esposa e os filhos e também sobre sua morte. Decidiu-se então omitir esses dados. O intuito é que nenhuma adaptação modifique a história a ponto de reescrevê-la, mas evitar provocar algum tipo de conflito emocional nos ouvintes devido a suas idades.

No conto de *Eros e Psique* há uma conotação erótica, e durante o processo de adaptação optamos por deixar este aspecto mais leve e o mito está entre as histórias preferidas das crianças.

Com o mito do *Rei Midas*, foi percebido que as crianças não conseguiam memorizar o nome de todos os personagens, e acabavam reproduzindo todas as características em um só personagem. Assim, colocaram em *Tmolo* orelhas de burro que correspondiam ao *Rei Midas*.

Tradução Original

“Assim foi para a competição desigual, sendo Tmolo o juiz. O velho juiz sentou-se na sua montanha e afasta as árvores das orelhas; a cabeleira verde-azulada fica apenas cingida de um carvalho, e à volta das cavas frontes pendem bolotas (...) (OVIDIO,2014,P.271,vv156-159).

Adaptação:

“O desafio foi aceito, e Tmolo, o deus das montanhas, foi nomeado árbitro. O deus tomou um assento, e seus cabelos verdes- azulados ficaram parecidos com um carvalho (árvore muito grande e velha) removeu as árvores de seus ouvidos para ouvir melhor.” *Versão Adaptada em agosto de 2014.*

Tradução Original

“Todos aprovaram o juízo e a sentença do sagrado monte. Porém, apenas a voz de um só, Midas, a critica e declara injustiça. Ora, o deus de Delos não consente que orelhas tolas conservem a forma de orelhas de seres humanos: estica-as em comprimento e cobre-as de pelos cinzentos, fá-las flexíveis na base de dá-lhes o poder de se moverem. Todo o resto é humano, só esta parte do corpo é punida: passa a usar orelhas de um burrico de vagaroso caminhar (...)”(OVIDIO,2014,P.272,vv.172-179).

Adaptação

“No final da competição Tmolo declarou Apolo o vencedor, todos aprovaram a decisão do juiz, porém, Midas num misto de inveja e arrogância afirmou que Tmolo não era capaz de julgar quem era o melhor já que não possuía orelhas. Como castigo pela ofensa que ousou a pronunciar, Midas recebeu orelhas gigantes e muito cabeludas.” *Versão Adaptada em agosto de 2014.*

A partir da história do *Rei Midas*, a estratégia de contação foi revista para que as crianças tivessem um maior entendimento e conseguissem memorizar todos os personagens, dando início a um processo de divisão em que as histórias são desmembradas em duas ou mais partes, para que as crianças pudessem perceber um detalhamento maior personagens, lugares e objetos. O desenho a seguir demonstra a aglutinação feita pelas crianças de características de vários personagens em apenas um único personagem.



Figura II- Desenho do conto do Rei Midas- O personagem Tmolo com as orelhas de burro do Rei Midas.

Nos mitos posteriores, como o de *Dédalo e Ícaro* e do *Minotauro*, continuamos a adotar o seccionamento da história em várias seções de contação. Deste modo, insistimos em detalhar a riqueza sobre as grandes construções de *Dédalo* como o labirinto. Como consequência os desenhos ficaram mais cheios de detalhes e os personagens, devidamente caracterizados com a descrição que foram apresentados.

Gostaríamos de relatar, ainda, uma oportunidade em que uma história deixou de

ser levada ao CMEI. O conto Píramo e Tisbe, por abordar de forma explícita o suicídio, pois Píramo pensa que Tisbe foi atacada pela leoa e se mata, e Tisbe ao sair de seu esconderijo encontra o corpo de Píramo, já sem vida, e também se mata, portanto excluído da nossa antologia, de acordo com a orientação do professor Tales Santeiro, pois poderíamos estar fazendo apologia ao suicídio, ora se os heróis do conto não conseguiram enfrentar as adversidades da vida, encontrando por solução a morte, poderíamos estar incentivando tal comportamento às crianças.

Além das *Metamorfoses*, buscamos outras fontes de conhecimento como o Apolodoro para conseguir fazer adaptações com mais detalhes. Porém, mantendo como base principal a obra de Ovídio.

4.0. Vivências

Como dissemos as atividades práticas do projeto estão em andamento há um ano. Em cada encontro semanal é contada uma história diferente, exceto quando o conto escolhido é muito longo e possui muitos detalhes, que devem ser explicados minuciosamente para que as crianças tenham melhor absorção da história, sendo por isso dividida em duas ou mais partes.

A diretoria da Creche Municipal Cidália Vilela desde o primeiro encontro tratou o nosso grupo com cordialidade, acreditando que o objetivo do projeto de extensão ‘Contos de Mitologia’, de formar novos leitores, pode ser atingido.

No primeiro dia do trabalho em campo, fomos orientados a ir sem grandes expectativas quanto à receptividade das crianças, pois esse interesse seria construído ao longo dos encontros. No entanto, a história agradou as crianças de imediato, o que causou alívio, servindo também como fator estimulante para que o grupo seguisse com o trabalho.

Ao término da história contada, pedimos às crianças para fazerem desenhos, que demonstrem o que elas mais gostaram da história. Durante a produção dos desenhos, aproveitamos o tempo para conversar com as crianças, sanar dúvidas quanto à história, saber se gostaram ou não, e criamos um momento em que é estabelecido um vínculo entre nós e os pequenos ouvintes.

No conto de *Faetonte* percebemos que as crianças comumente fazem relação

do conteúdo dos contos ao seu contexto pessoal. Há exemplo disso temos, uma criança que relacionou o fato do personagem ter morrido em um lugar distante, com sua mãe ter mandado seu pai para um lugar (palavrão).

Tradução Original

“Então, Faetonte, devorando-lhe as chamas os cabelos avermelhados, cai rodopiando a pique, e deixa pelos ares um longo rasto, tal como por vezes uma estrela pode parecer estar lá do céu limpo, embora não caia. Recebe-o o enormíssimo Erídiano noutra parte do mundo, bem longe de sua pátria, e banha-lhe o rosto em labareda. As Náiades da Hespéria sepultam o corpo, ainda fumegante da chama de três pontas, e inscrevem na lápide estes versos: AQUI.JAZ.FAETONTE,.COCHHEIRO.DO.CARRO.DE.SE U.PAI;SE.NÃO.GUIOU.BEM,.CAIU,.PORÉM,.EM.GRAN DIOSA.EMPRESA (...)”(OVIDIO,2014,P 67,vv.319-328).

Adaptação

“Seu pai fica muito triste e nem emite a luz do Sol aquele dia, sendo a terra iluminada apenas pelas chamas que ainda restaram do triste aventura de Faetonte. E sua mãe saiu a procurar seu corpo por todas as partes do mundo encontrando-o num lugar bem distante sua pátria. Onde num túmulo estava escrito: ‘Aqui jaz Faetonte- cocheiro do carro do Sol de seu pai, se não guiou bem, porém caiu em grande aventura. ’”. *Adaptação realizada em dezembro de 2013.*

No decorrer das contações fazemos observações quanto ao comportamento das crianças, durante cada história contada. Percebeu-se uma preferência por parte das meninas em histórias que continham princesas e nos meninos, as histórias com os heróis.

Considerações Finais

O papel da extensão nas Universidades é promover a troca entre a academia e a sociedade. Não se trata de um ganho unilateral, mas de uma troca de experiências que busca a comunicação entre os polos desta relação.

Quando o grupo de contadores se dirige às crianças não há uma imposição de conhecimento, há naquele momento uma construção conjunta. Comportamento este que é proposto na metodologia do projeto, seja na política de não interferência ou inibição dos comentários das crianças durante a apresentação ou no momento de criação dos desenhos por elas, em que a compreensão de mundo dos pequenos ouvintes incide como filtro na compreensão das histórias. É importante reafirmar a importância dos desenhos como meio de retorno aos contadores, ou seja, como método de análise do entendimento das crianças sobre os contos.

Outra característica essencial deste projeto de extensão é sua construção conjunta e contínua. O projeto não se encontra pronto e acabado, nem é mero reproduzidor da teoria; ele se constrói e desconstrói aprimorando-se. As mudanças metodológicas ao longo do projeto reafirmam a premissa; exemplo claro se deu pela divisão das histórias em contos mais curtos e com maior descrição de detalhes. A mudança foi feita baseando-se nos desenhos e na conversa com as crianças, a qual foi analisado o foco de absorção das histórias: percebe-se maior intensidade na recepção cognitiva quando há ação e quebra de cenário propiciando uma maior dinâmica na história e elevando os sentimentos dos ouvintes, enquanto os quesitos mais racionais (motivação, falas) e a pluralidade de personagens é por vezes ignorada. Outro exemplo claro do aprimoramento do projeto deu-se com a integração e auxílio dos docentes da psicologia agindo com maior ênfase nas limitações da adaptação.

Durante o trabalho a escolha pelos clássicos greco-romanos é esboçada para além do seu sentido pragmático, ou seja, para além do interesse que ela desperta. As histórias partem de um espaço-tempo determinado, são retratos de uma época e de um local com costumes próprios. Porém, revelam o passado sem se restringir a ele; a obra se comunica com a atualidade. Ou seja, o clássico é um eterno vir-a-ser, é a fonte da qual a atualidade bebe, permitindo a renovação. Trata-se de compreender este conjunto de obras para além de seu tempo, é percebê-los como atemporais.

Tendo esse projeto em questão, salienta-se o diferencial em se contar contos mitológicos para uma faixa etária que não possui fácil acesso a este formato de histórias, mesmo que em um primeiro momento sejam bombardeados com produções cinematográficas sobre o tema. Se por um lado o mundo cinematográfico permite as crianças a associação visual que facilita a introdução dos contos, por outro lado, a visão

maniqueísta e assimétrica da maioria dos filmes pode distorcer a compreensão sobre a obra.

Quanto aos objetivos, o projeto permite grande contribuição sociocultural que se reflete na formação de leitores, ou seja, o despertar do interesse na leitura pelas crianças do projeto. O primeiro contato do público infantil com obras clássicas, partindo de uma adaptação mais próxima do original, estimula a imaginação das crianças sobre o universo fantástico e também os aproxima do mundo da leitura. A experiência também possibilita uma gratificação imediata, um reconhecimento a curto prazo, cujo exemplo pode ser dado pela evolução perceptiva das crianças ao longo da realização do projeto.

Chegado ao término deste ciclo, nós, contadores, temos a sensação de dever cumprido e cada vez mais estimulados a continuar com o projeto.

Referências

APOLODORO. *Biblioteca*. Tradução de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

APULEIUS, Lucius. *O asno de ouro*. Tradução de GUIMARÃES.R., Rio de Janeiro: Ediouro:s.d.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. *Por que ler os clássicos*. Pg. 10-38

FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, FENAME (Fundação Nacional de Material escolar), 1982.

HESÍODO. *Teogonia - a origem dos deuses*. trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2001.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Cotovia, 2012. Pg. 67, 126, 176, 272.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica voll e 2*. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1985.

Data de envio: 30 de novembro de 2014

Data de aprovação: 13 de janeiro de 2015

Data de publicação: 19 de fevereiro de 2015